

« Fantásticos 'matos' medicinais »: medicina herbária na revista « Saúde! »

RENATA PALANDRI SIGOLO*

Após a Segunda Guerra Mundial, observamos um decréscimo no uso de plantas medicinais devido, entre outros fatores, ao crescimento da indústria farmacêutica (CRELLIN,2002:68). Apesar de generalizadora, esta constatação ressalta o crescimento da biomedicina como lógica dominante na oferta de cura para as doenças, em conjunto com o desenvolvimento de arsenal terapêutico correspondente. Porém, é incorreto dizer que a medicina herbária desapareceu por completo, tanto no que diz respeito às práticas acadêmicas quanto às populares de cura.

Sinal da permanência da fitoterapia mesmo que em um estado latente foi seu reflorescimento após a década de 1960, quando o contexto do qual o mundo ocidental foi palco levantou questionamentos sobre diferentes atitudes próprias do modo de vida capitalista. No conjunto de práticas da vida cotidiana, os cuidados com a saúde propostos pela biomedicina foram colocados em xeque por segmentos descontentes de seus procedimentos e foram « redescobertas » outras racionalidades médicas que valorizavam, entre outras ações, a terapêutica herbolária(LUZ,2003:55).

Hoje, cerca de 82% da população no Brasil (BRASIL,2012:15) faz uso de plantas medicinais de diferentes maneiras, tendo como norteadores diversas lógicas de cura. É remarcável a aprovação, em 2006, da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no SUS, embora na prática haja uma variação bastante grande no grau de adesão às PICs que varia de acordo com o maior ou o menor engajamento dos profissionais de saúde que atuam nas diferentes unidades de saúde presentes nas cidades brasileiras.

Este « reencontro » com as plantas medicinais também se faz sentir nas ciências humanas e, mais especificamente, em um ponto de interseção entre humanas e biológicas que podemos encontrar na Etnobotânica. Segundo Maria Franco Trindade Medeiros, « a Etnobotânica é a ciência que se preocupa em estudar as interações passadas e presentes que se estabelecem entre as pessoas e as plantas, em sua dimensão botânica, antropológica, ecológica e histórica »(MEDEIROS,2010:39). A disciplina tem como ponto de partida a

* Universidade Federal de Santa Catarina, Laboratório de História, Saúde e Sociedade.

observação de que a relação entre o ser humano e a paisagem na qual se insere é feita a partir dos conceitos construídos sobre a natureza e que estes variam e se modificam ao longo do tempo. Pensando mais especificamente o estudo do uso das plantas medicinais, temos a contribuição da Etnobotânica Médica, que «se ocupa com a relação entre indivíduos pertencentes a grupos 'tradicionais' e sua flora local para fins medicinais.(...) a Etnobotânica Médica promove as terapias tradicionais, com maior preocupação no contexto do uso de plantas (Berlin,1992)» (MEDEIROS;ALBUQUERQUE,2012:31-32.). A etnobotânica médica pode se voltar tanto para a investigação de uso de ervas medicinais em determinada comunidade quanto para a pesquisa de determinadas plantas visando encontrar substâncias de caráter medicinal.

Vários estudos em etnobotânica histórica que abordam o uso de plantas medicinais tem como ponto central a investigação de suas indicações terapêuticas em diferentes fontes primárias, tendo como principal objetivo sedimentar pesquisas atuais sobre a eficácia das mesmas na terapêutica médica. A pesquisa desenvolvida por membros do Departamento de Psicobiologia da Universidade de São Paulo e do Herbolário do Instituto de Botânica de São Paulo, por exemplo, busca levantar na literatura dos séculos XVIII e XIX as plantas medicinais nativas empregadas para doenças do sistema nervoso central em quatro instituições brasileiras, propondo um «rastreamento do conhecimento» (SCALCO et alii,2010: 75-101). Os resultados da pesquisa mostram coincidências entre o uso das plantas na literatura histórica, nos estudos farmacológicos atuais e nas patentes requeridas, conclui que o uso popular é uma ferramenta importante para planejar a pesquisa científica e lança questionamentos sobre a propriedade do conhecimento tradicional.

Já o trabalho proposto por Fortes e Seoane faz um levantamento das plantas catalogadas nos Reais Jardins Botânicos de Queluz e Nossa Senhora da Ajuda, indagando o motivo do interesse, a forma como este material era apresentado ao público e como os estudos desenvolvidos pelos jardins botânicos estavam relacionados ao Iluminismo na Península Ibérica e aos interesses econômicos europeus em relação às riquezas de além mar (FORTES;SEOANE, 2010: 105-134).

Uma das fontes utilizadas pelos autores ibéricos, o *Indez das plantas que contem o Real Jardim Botanico de Queluz* nos permite, por exemplo, perceber as intenções de seu autor, Manuel de Moraes Soares, ao descrever as plantas de Queluz. Em seu método, associava a espécie ao nome dado por Linnée, a palavra correspondente em português,

curiosidades e utilização na medicina de acordo com as teorias vigentes no período. Segundo os autores, Moraes Soares tinha interesses distintos de seus contemporâneos motivados pelo desenvolvimento de técnicas de produção e da investigação científica: ele escrevia não para professores de botânica mas para curiosos que possuíam algum conhecimento no assunto.¹

Diante do breve quadro exposto sobre a investigação histórica em relação à medicina herbolaria, gostaria de traçar algumas diretrizes que norteiam a pesquisa ora apresentada, apresentando quais contribuições ela pode dar para a compreensão do uso de plantas medicinais pelos seres humanos em um recorte temporal, tendo como objeto específico a veiculação da revista « Saúde » em sua primeira década de circulação. Tomo o periódico como fonte de circulação de representações sociais a respeito do uso das plantas medicinais e outras categorias envolvidas no processo, como as concepções de medicamento, saúde, doença e natureza.

Neste sentido, compartilho das ideias desenvolvidas por Claudine Herzlich quando esta afirma serem as representações sociais um « modo de pensamento sempre ligado à ação »(HERZLICH, 1991:25), construídas e veiculadas em um contexto que tem características históricas e sociais específicas. Elas não significam apenas uma ideia que « paira » sobre a sociedade, uma vez que sua construção e compartilhamento podem nortear tomadas de decisão. Completando esta ideia, a socióloga francesa recorre a noção apresentada por Serge Moscovici de que as representações são estabelecidas por sujeitos que interagem e constroem seu mundo através do material fornecido pela vida em sociedade. Há, neste movimento de construção, um sentido que é socialmente partilhado através das representações (HERZLICH,2005:4)

Pensando especificamente nos cuidados com a saúde, é ainda Herzlich que nos chama atenção para a importância das representações sociais como categoria de análise de concepções não médicas sobre saúde e doença. Durante longo tempo, várias áreas de conhecimento privilegiaram o saber médico acadêmico como aquele que deveria ser levado em conta na relação médico-paciente: « O médico é aquele que sabe e o paciente aquele que sofre »(FRIARD). Porém, cada vez mais se valoriza a experiência pessoal sobre o corpo, a saúde e a doença como um « saber profano » que depende da partilha de conhecimentos que

1 Outras pesquisas que buscam entender a relação entre plantas medicinais e ser humano levando em consideração seus aspectos históricos podem ser citadas, como o breve texto de José Carlos Chaguri Jr, que trata sobre o imaginário das plantas em Minas Gerais e o texto de Márcia Moisés Ribeiro, sobre a flora medicinal usada em São Paulo no século XVIII.

ocorre no âmbito social. Neste sentido, as representações da saúde e da doença devem ser tomadas como elementos independentes do saber médico, embora frequentemente dialoguem com ele (HERLICH, 2005:4).

Os periódicos voltados ao público leigo são palco privilegiado de observação desta relação entre saber médico e saber popular em saúde. Aqueles que possuem como objetivo divulgar o saber científico, como é o caso de « Saúde! », nos permitem acesso a uma das fontes de construção das representações no campo da saúde e da doença. Sobre o discurso de divulgação científica, Lilian Zamboni propõe que o tratemos não como uma fala da ciência « degradada », mas um novo discurso que se articula com o conhecimento científico como uma de suas maiores fontes (ZAMBONI, 1997:11).

Para compreender a veiculação de representações em « Saúde! », é preciso levar em consideração o contexto de criação e circulação da revista em seus dez primeiros anos, período proposto nesta investigação. A Editora Abril, responsável pelo periódico, foi comandada por Vitor Civita desde 1949 e na década de 60 promoveu o lançamento de várias revistas, como a « Quatro Rodas », « Cláudia », « Realidade » e « Veja ». Estamos diante de uma editora de grande porte, que cresce ao longo das décadas: em 2000, a Abril possuía 219 títulos, possuindo 64% do mercado brasileiro, sendo considerada a maior da América Latina (PEREIRA, 2007:30).

« Saúde » saiu nas bancas em outubro de 1983, fruto de um processo de segmentação do público leitor que já atingia o mercado editorial em anos anteriores. Em outubro de 1984, contava com uma tiragem de 90.000 exemplares (PATARRA, 1984:4). As palavras do primeiro editorial de Victor Civita indicavam o objetivo da revista:

Em formato pequeno, sem luxo algum, compacta e econômica, esta nova revista pretende manter os seus leitores bem informados a respeito dos males que nos podem afligir e - principalmente - sua prevenção e cura. Nenhuma pergunta sua, caro leitor, ficará sem resposta nessa área. Você verá que, com bom senso e conhecimento dos mecanismos que fortalecem o organismo, poderá preservar o vigor físico, mental, espiritual e psicológico por muitos e muitos anos. O segredo da saúde é a prevenção. Nada pode ser mais econômico, otimista e criador. Saúde para todos. (CIVITA, 1983:2)

O editor e diretor da Abril ressaltava, em sua primeira apresentação da revista, uma das representações de saúde bastante presentes a partir do controle das epidemias e o crescimento das doenças crônicas, que foram construídas com base na ideia de prevenção possível através da mudança no estilo de vida. Observado o índice do primeiro número, nos

deparamos com títulos como « Vitaminas anti-câncer », « O 'barato' do corredor », « Zinco, o mineral que defende o organismo », « Limpe suas artérias com alimentos apropriados » e « Idosos: a vida começa aos 65 anos » (SAÚDE!n.1,out.1983.p.3). Também na esteira de uma medicina preventiva e que coloca no indivíduo a participação nos processos de manutenção da saúde e cura das doenças estão dois outros artigos, « Seu médico é bom? » e « Holismo, medicina alternativa » e uma seção, « Botica Natural » Na revista « Saúde! » artigos sobre medicinas alternativas e uso de plantas medicinais se mantêm frequentes durante toda a década de 1980, sofrendo um ligeiro aumento na década de 1990.

Muitos fatores, como o crescimento de iatrogenias causadas pelo uso indevido e excessivo de medicamentos, além da forma impessoal e fragmentada de curar da biomedicina, encontraram no solo dos anos de 1970 um terreno fértil para o desenvolvimento das medicinas tradicionais e a entrada de medicinas antigas não nativas que pudessem oferecer cuidados personalizados ao doente. A autonomia do indivíduo preconizada por Vitor Civita no primeiro editorial de « Saúde! » é fruto de uma série de questionamentos feitos à sociedade de consumo no período da contracultura, que também atingiram a biomedicina. A busca por tratamentos mais individualizados, holísticos e « naturais », onde o doente tem voz ativa e não se comporta como « aquele que espera » proporcionou o aumento da oferta de alternativas à biomedicina.

Por parte do discurso institucional, temos a definição de medicina alternativa construída em 1962 pela OMS, como « prática tecnologicamente despojada de medicina, aliada a um conjunto de saberes médicos tradicionais »(LUZ,2003:38). Na Conferência de Alma-Ata, em 1978, a OMS recomendou o uso de medicinas tradicionais e populares nos sistemas nacionais de saúde e no Brasil, em 1986, o Relatório Final da VIII Conferência Nacional de Saúde no Brasil propôs a introdução de práticas alternativas de assistência à saúde, permitindo o direito de escolha por parte do usuário (QUEIROZ,2003:115-116).

Madel Luz relata que as medicinas alternativas tiveram uma inserção maior na América Latina em meados da década de 1970, alcançando seu auge na década de 1980. O uso de ervas para fins curativos não caracteriza uma racionalidade médica² pertencente ao quadro das medicinas alternativas porém é uma terapêutica presente em praticamente todas as racionalidades e terapias consideradas alternativas e tradicionais.

Apesar de pautar muitos sistemas de cura em diferentes sociedades, a medicina

2 Para o conceito de racionalidades médicas, consultar: LUZ:2000.

herbária passou por um certo declínio devido, em parte, a ascensão do modelo biomédico. No Brasil, o uso de plantas medicinais sofreu transformações que estiveram relacionadas às modificações na organização da indústria farmacêutica e na forma de se fabricar os medicamentos. A partir dos anos 1930, a farmácia brasileira recebeu, em um movimento crescente, os produtos da indústria internacional.

Na década de 1940, com as dificuldades decorrentes da Segunda Guerra mundial, os laboratórios nacionais passaram a entrar em crise e a serem incorporados por multinacionais em um processo que culmina com a instalação de várias empresas farmacêuticas no final do século XX. (EDLER,2007:108) Também os medicamentos sofreram, no mesmo período, uma sensível modificação em sua composição: passaram a ser cada vez mais produzidos a partir de substâncias sintetizadas em laboratório. O crescimento da indústria farmacêutica inibiu o uso de plantas medicinais como recurso terapêutico. Também o médico e o farmacêutico passaram a conhecer cada vez menos suas características e seu uso em tratamentos(FERNANDES,2004:39).

Porém, a « crise da medicina » (LUZ,2003:44) já descrita e a ampliação da « consciência verde »(QUEIROZ:2003, 139) a partir dos anos de 1970 fez com que a noção de saúde se construísse a partir da adoção de um estilo de vida que tivesse como objetivo a proximidade com a natureza e a busca por tratamentos menos agressivos. Assim, houve a ampliação de procura por terapias que pudessem atender a estes requisistos, sendo que o uso de plantas medicinais se enquadrava neste panorama.

Na revista « Saúde! », as plantas medicinais estiveram presentes basicamente através de quatro tipos de discurso: na publicidade de produtos « naturais », em artigos relacionados às medicinas alternativas ou nutrição, na seção intitulada « Botica da Natureza » e nas cartas dos leitores. O discurso presente em « Botica Natural » foi, sem dúvida, aquele que teve maior continuidade temporal. Seu objetivo era apresentar uma planta medicinal por número do periódico, que era mensal. Assim, temos 124 diferentes ervas sendo exibidas ao público leitor de « Saúde! » no período proposto. A característica mais marcante está no título que introduz o texto com o nome popular da planta, seguido de um adjetivo que represente suas qualidades. Assim, encontramos o « Anis dulcíssimo »(SAÚDE,1983/1:41), a « Malva, a mansa »(SAÚDE,1984/5:35),o « Nobre louro »(SAÚDE,1984/11:37), a « Pitangueira, a cheirosa »(SAÚDE,1990/80:43), dentre outros.

Os artigos não eram assinados e o texto é marcado pela linguagem pessoal, ou seja,

induz ao leitor uma « conversa próxima » com seu autor, mesmo que seja ele anônimo. No primeiro número, não há a apresentação do nome científico do anis, mas há o desenho do mesmo, provavelmente em uma tentativa de facilitar sua identificação. A partir do segundo número do periódico, o nome científico é introduzido juntamente com o desenho da erva, indicando mais um esforço em precisar a espécie da qual se fala e, mais ainda, aproximando o leitor do universo científico da botânica.

A relação saber popular/saber científico é tomada de forma dúbia em « Saúde! ». Muitas referências de uso são populares:

« (...) além de usadas em chás, confeitaria e licores, com elas se prepara um óleo ótimo para esfregar na barriga de crianças e adultos com cólicas(dizem que, friccionado na cabeça,mata piolhos).Por isso, ai vão alguns remédios caseiros. » (SAÚDE,1983/1:41)

« O povo diz, com humor, que intestinos presos deixam a pessoa enfezada. Pois as folhas, vagens e sementes do arbusto sene, usadas há séculos pela medicina popular,desenfezam.Pode acreditar. »(SAÚDE,1983/3:41)

« Nossas avós sabiam das coisas.Em caso de tosse nos filhos ou netos, não corriam à primeira farmácia para comprar xarope: iam ao quintal, recolham algumas folhas serrilhadas e faziam um chá. A tosse passava. »(SAÚDE,1983/6:35)

Em todos os trechos citados, podemos ver referências ao saber herbário popular, seja na sugestão de receitas, no diagnóstico de males, como no caso do « enfezamento », ou na forma de acesso às plantas. Na última citação, pode-se ver que a tradição, representada na figura da avó que cuida da saúde de sua família e a proximidade da natureza, pois o quintal é preferido à farmácia, compõe uma representação frequentemente evocada quando se trata do uso de ervas.

O exemplo mais expressivo do uso tradicional das plantas medicinais em nosso país era aquele feito pelos indígenas e o periódico não se furtava de apresentar um quadro desta situação. Sobre os usos medicinais do maracujá: « E na região do Xingu, outra utilização, como anticoncepcional: as indias dão o chá bem forte aos maridos, que perdem o desejo sexual. »(SAÚDE,1985/21:41)

Outra característica da medicina fitoterápica popular era a presença da espiritualidade no universo da cura. Isto é perceptível em diferentes artigos mas o exemplo mais conhecido até hoje está relacionado à colheita da macela. O texto descreve uma paisagem bucólica que evoca a vivência de um tempo mais próximo àquele definido pela natureza e marcado pelas

festas religiosas: « É uma questão de lua. Quando chega Sexta-Feira Santa, todo santo ano, ela floresce, cobrindo o campo da região fronteira do Rio Grande do Sul. E faça sol, chuva ou frio, as pessoas saem pelos campos a colher macela, para voltar com braçadas de florzinhas amarelas e cabos desfolhados. »(SAÚDE,1985/18:37) No exemplo, religiosidade e fenômenos naturais se mesclam para definir a época do ano em que se deve colher a planta medicinal.

Ao lado das receitas e indicações populares das plantas medicinais, gradativamente a revista « Saúde! » vai apresentando concepções científicas que norteavam seu uso. Vale à pena ressaltar que, em seu primeiro número, não havia nenhuma observação referente ao limite das informações médicas contidas no periódico. Já no segundo número, o leitor encontrava a seguinte advertência, logo abaixo do índice: « Os artigos de Saúde! são revisados por médicos mas não sugerem tratamentos. Informam e ensinam a prevenir. »(SAÚDE,1983/2:3). O texto é modificado na edição de março de 1984 e assim permanece até novembro de 1989, data de sua última publicação: «Os artigos de Saúde são revisados por médicos, mas não indicam nenhum tratamento médico nem encorajam o leitor a automedicar-se. Insistimos para que você consulte um médico antes de fazer qualquer tratamento. Quando há persistência de algum distúrbio de saúde, procure um médico »(SAÚDE,1989/74:5).

Pode-se observar, na modificação da advertência da revista, o aprimoramento da preocupação em não se comprometer com a indicação de tratamentos ou medicamentos. Fica claro que o periódico induzia seus leitores a buscar alguma forma de tratamento. Além dos artigos falando de diferentes terapias ou problemas de saúde, a coluna de publicação esporádica denominada « Experiências pessoais de cura » e a seção « Correio da Saúde » respondiam à questões dos leitores que dificilmente passariam despercebidas por aqueles que se identificavam com as mazelas partilhadas. O texto da advertência que foi substituído, indica que a revista « informa e ensina a prevenir », o que afirma sua intenção de servir como referencial para os caminhos de cura a serem tomados pelo leitor.

Também observa-se a tendência de se aproximar da legitimidade dada pelo discurso médico na coluna « Botica Natural », quando em novembro de 1984 aparece a primeira referência médica no artigo sobre a salsa:

Rica em vitaminas A,C e vitaminas do complexo B,além da concentração em cálcio,fósforo e ferro,a salsa é estomacal, carminativa (contra gases intestinais),aperiente (estimula o apetite)e emenagoga

(faz vir a menstruação), explica o médico, farmacêutico e botânico dr. Orestes Escavone, do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo.

Graças ao seu óleo essencial, onde se destacam substâncias como o apiol e a miristicina, qualquer parte da planta tem efeitos medicinais – desde as sementes e raízes até as folhas cheirosas. « Mas atenção: a essência da salsinha e o apiol, isoladamente, são abortivos quando tomados em altas doses. Por isso, são contra-indicados na gravidez », alerta o médico. (SAÚDE,1984/14:41)

Temos não só a apresentação da origem científica da informação através de um único pesquisador que representa a medicina, a farmácia e a botânica (e a ordem da citação talvez apresente uma hierarquia) como o uso de palavras pouco frequentes no vocabulário da fitoterapia popular, mas transformadas pela revista a fim de se tornarem acessíveis ao público leitor. Esclarecer era a missão de « Saúde! », como afirmava seu diretor, e a revista procurava assim estabelecer a ligação entre o universo científico e o conhecimento popular sobre cura.

Ainda vale ressaltar, na citação acima, a atribuição de valor curativo a apenas um elemento da planta (apiol e miristicina, em destaque), ou seja seu óleo essencial. Qualquer outra característica da planta que não fosse passível de observação e teste científicos não foi levada em consideração. Além disso, os elementos contidos no óleo essencial tanto poderiam curar quanto fazer mal à saúde, e essa distinção é feita pelo médico.

Foi no número de agosto de 1985 que aparece a primeira citação da contribuição de Sylvio Panizza para a coluna, sendo que seu nome é incluído na lista de colaboradores dois meses depois, tendo permanecido por todo o período investigado. Panizza, farmacêutico formado em 1963 na Universidade de São Paulo, era acessor do laboratório « Prof. Panizza » e ficou famoso por produzir e apresentar o programa « Cheiro de Mato » na TV Bandeirantes na década de 1990 (PANIZZA,1997).

Assim como fez com seu colega Dr. Orestes, a revista coloca em evidência palavras que apontam para uma causa química precisa para a atuação da planta no organismo, utilizando palavras do jargão médico para descrever sua ação: « Graças ao óleo essencial e flavonóides das folhas, elas têm ação antiespasmódica, analgésica e expectorante. Ajudam a aliviar a tosse, catarro e dor de cabeça », diz o professor Sylvio Panizza, do Instituto de Biociências da USP. (SAÚDE,1990/9:47) Porém, é interessante notar que tanto a análise de

Escavone quanto na de Panizza sobre os efeitos medicinais das plantas não apontam para uma ação direcionada a um só órgão do corpo humano e sim um efeito medicinal de aspecto mais amplo, possível pelo fato das plantas medicinais possuírem inúmeras substâncias curativas.

Quanto mais se aproxima do fechamento de sua primeira década, « Saúde! » apresenta, na coluna « Botica Natural », textos cada vez mais preocupados em dar informações detalhadas sobre a planta para favorecer seu reconhecimento, bem como indicações sobre seu uso e receitas com precisão em termos de medidas. Todos os cuidados em dar ao texto uma aparência de conteúdo científico porém com linguagem própria da informalidade e personalidade da revista de divulgação científica, parece seguir a tendência da fitoterapia em ser novamente revalorizada pela academia. Basta lembrar que medicinas antes à margem da bimedica foram reconhecidas como especialidades nas décadas de 1980 e 1990, como foi o caso da homeopatia e da acupuntura. O ápice deste processo aconteceu no século XXI, quando da aprovação do Plano Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (PNPIC) e com ele a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterapicos(BRASIL,2012:9).

Referências Bibliográficas

- BRASIL.Ministério da Saúde.Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica.**Práticas Integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica.**Brasília: Ministério da Saúde, 2012.
- CHAGURI JR, José Carlos. Apontamentos etnohistóricos da saúde e da doença: o imaginário sobre as plantas nas Minas Gerais. **Pabstia**, Carangola, v.16, n.4. 2005.p.1-8.
- CRELLIN, John. Herbalismo: a antiga tradição.In: PORTER,Roy (org.). **Medicina: a história dacura**. Lisboa:Centralivros,2002.
- EDLER, Flavio Coelho. **Boticas & Pharmacias**. Uma história ilustrada da farmácia no Brasil. Rio de Janeiro:Casa da Palavra,2006.
- FERNANDES,Tania Maria. **Plantas Medicinais**; memória da ciência no Brasil. Rio de Janeiro: FIOCRUZ,2004.
- FORTES, Mário; SEOANE, Manuel Angel. Reais Jardins Botânicos: curiosidades e virtudes, recursos e potencialidades. In:MEDEIROS, Maria Franco Trindade (org.).**Aspectos históricos**

na pesquisa etnobiológica. Recife: NUPEEA,2010. 105-134.

FRIARD, Dominique. Les représentations de la maladie. Disponível em: http://www.serpsy.org/formation_debat/diagnostic/representations.html. Acesso em:22/03/2013.

HERZLICH, Claudine.A problemática da representação social e sua utilidade no campo da doença.**Physis**,Revista de Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, v.1,n.2,1991.pp.23- 35

HERZLICH, Claudine. Santé et maladie. Analyse d'une représentation sociale. Paris EHESS,2005.

LUZ,Madel T. Medicina e racionalidades médicas: estudo comparativo da medicina ocidental, contemporânea, homeopática, tradicional chinesa e ayurvédica. In: CANESQUI, Ana Maria. **Ciências sociais e saúde para o ensino médico**. São Paulo: Hucitec,2000.

LUZ, Madel T. **Novos saberes e práticas em saúde coletiva**. Estudo sobre racionalidades médicas e atividades corporais. São Paulo:HUCITEC,2003.

MEDEIROS, Maria Franco Trindade(org.). **Aspectos históricos na pesquisa etnobiológica**. Recife: NUPEEA,2010.

MEDEIROS, Maria Franco Trindade; ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de.(org.).

Dicionário Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia. Recife: SBEE/NUPEEA, 2012.

PANIZZA, Sylvio. **Plantas que curam**. Cheiro de mato.São Paulo:IBRASA,1997.

PEREIRA,Mateus H. F. Fascicules et Encyclopédies dans les kiosques: le cas de l'Editora Abril (1968-1982) au Brésil. In: MILANEZ,N. (org).**Le Brésil à l'épreuve de la modernité: discours, savoir,pouvoir**. Paris: L'Harmattan,2007.p.29-38.

QUEIROZ, Marcos S. **Saúde e doença**: um enfoque antropológico. Bauru:EDUSC,2003.

RIBEIRO, Márcia Moisés. Medicina e flora em São Paulo. In: MARTINEZ, Paulo Henrique (org.). **História Paulista Ambiental**. São Paulo: SENAC,2007.

SCALCO, Nayara et alii. Literatura antiga (século XVIII e XIX) com relatos de plantas medicinais nativas encontradas em instituições de quatro cidades brasileiras. In: MEDEIROS, Maria Franco Trindade (org.).**Aspectos históricos na pesquisa etnobiológica**. Recife: NUPEEA,2010. 75-101.

ZAMBONI, Lilian Marcia Simões. **Heterogeneidade e subjetividade no discurso da divulgação científica**.1997.211f.Tese(Doutorado em Linguística)- Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas,1997.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

- ANIS, dulcíssimo. **Saúde!** n.1, out. 1983. p.41
- CIVITA, Victor. À Nossa! **Saúde!** n.1, out. 1983. p.2
- ERVA Santa no campo. **Saúde!** n.18, mar. 1985. p.37.
- HORTELÃ, da graúda. **Saúde!** a.7, n.9, set. 1990. p.47.
- MALVA, a mansa. **Saúde!** n.6, mar. 1984. p.35.
- MARACUJÁ: calma e bons sonhos. **Saúde!** n.21, jun. 1985. p.41.
- PATARRA, Judith. Parabéns para nós. **Saúde!** n.13, out. 1984. p.4
- SALSINHA, que vitalidade! **Saúde!** n.14, nov. 1984. p.41.
- SAÚDE! n.2, nov. 1983. p. 3
- SAÚDE! n.74, nov. 1989. p.5
- SENE: erva que deseneza. **Saúde!** n.3, dez. 1983. p.41.